

# Ahasverus e o Gênio

Castro Alves

Ao poeta e amigo J. Felizardo Júnior

Sabes quem foi Ahasverus?... — o precito,  
O mísero Judeu, que tinha escrito  
Na frente o selo atroz!  
Eterno viajor de eterna senda...

Espantado a fugir de tenda em tenda,  
Fugindo embalde à vingadora voz!  
Misérismo! Correu o mundo inteiro,  
E no mundo tão grande... o forasteiro  
Não teve onde... pousar.  
Co'a mão vazia-viu a terra cheia.

O deserto negou-lhe — o grão de areia.  
A gota d'água — rejeitou-lhe o mar.  
D'Asia as florestas-lhe negaram sombra  
A savana sem fim-negou-lhe alfombra.  
O chão negou-lhe o pó!...  
Tabas, serralhos, tendas e solares...

Ninguém lhe abriu a porta de seus lares  
E o triste seguiu só.  
Viu povos de mil climas, viu mil raças,  
E não pôde entre tantas populaças  
Beijar uma só mão...  
Desde a virgem do Norte à de Sevilhas,

Desde a inglesa à crioula das Antilhas  
Não teve um coração!...  
E caminhou!... E as tribos se afastavam  
E as mulheres tremendo murmuravam  
Com respeito e pavor.  
Ai! Fazia tremer do vale à serra...

Ele que só pedia sobre a terra  
— Silêncio, paz e amor! —  
No entanto à noite, se o Hebreu passava,  
Um murmúrio de inveja se elevava,  
Desde a flor da campina ao colibri.

"Ele não morre", a multidão dizia...  
E o precito consigo respondia:  
— "Ai! mas nunca vivi!" —

O Gênio é como Ahasverus... solitário  
A marchar, a marchar no itinerário

Sem termo do existir.  
Invejado! a invejar os invejosos.

Vendo a sombra dos álamos frondosos...  
E sempre a caminhar... sempre a seguir...  
Pede u'a mão de amigo-dão-lhe palmas:  
Pede um beijo de amor— e as outras almas

Fogem pasmas de si.  
E o mísero de glória em glória corre...  
Mas quando a terra diz: — "Ele não morre"  
Responde o desgraçado:—"Eu não vivi!..."